

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

CARTA BRANCA A DAVID STENN

23 e 29 de Julho de 2025

The Goddess / 1958

A Deusa

um filme de JOHN CROMWELL

Realização: John Cromwell *Argumento:* Paddy Chayefsky *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco): Arthur J. Ornitz *Som* (mono): Dick Vorisek, Ernest Zatorskv *Montagem:* Carl Lerner *Música:* Virgil Thomson *Direcção Artística:* Leo Kerz *Cenografia:* Ted Waorth *Guarda-Roupa:* Franl L. Thompson *Assistente de realização:* Charles H. Maguire *Interpretação:* Kim Stanley (Emily Ann Faulkner), Lloyd Bridges (Dutch Seymour), Steven Hill (John Tower), Betty Lou Hollabd (Sra. Lauren Faulkner), Joan Copeland (Alice Marie), Gerald Hiken (George), Patty Duke (Emily Ann Faulkner, aos oito anos), Elizabeth Wilson (Harding), Bert Freed (Lester Brackman), Joanne Linville (Joanna), Gail Haworth (a filha de Emily), Joyce Van Patten (Hillary), Louise Beavers (a cozinheira), Gerald Petrarca (o padre), Werner Klemperer (Joe Wilsey), Burt Brinckerhoff (o rapaz), etc.

Produção: Carnegie Productions (Estados Unidos, 1958) *Produtor:* Milton Perlman *Cópia:* 35 mm, preto-e-branco, 105 minutos, falada em inglês, duplamente legendada em finlandês e sueco e com legendas electrónicas em português *Estreia Mundial:* 17 de Abril de 1958, em Boston, Massachusetts *Estreia comercial em Portugal:* 19 de Junho de 1959, no cinema Éden (Lisboa) *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Aviso A cópia 35 mm, de arquivo, que vamos apresentar tem sinais de desgaste decorrentes da sua vida em projecção, designadamente pequenos riscos de suporte, abundantes na passagem das bobines. Além desse aspecto referenciável na banda de imagem, a banda de som tem oscilações de volume e, em alguns troços, um incomodativo ruído de fundo. Aqui fica a nota e um agradecimento aos espectadores pela sua compreensão.

sessão de dia 23 apresentada por David Stenn (em inglês) | a sessão de dia 29 decorre na Esplanada

Entre Maryland, Nova Iorque e Los Angeles, entre os interiores de estúdio no Bronx e os exteriores em Beverly Hills e Westwood, o Verão de Julho-Agosto de 1957 terá sido intenso para a equipa desta produção da Carnegie realizada por John Cromwell, com Kim Stanley no papel da estrela de cinema incapaz de lidar com o próprio deserto emocional tanto na pequena cidade da sua infância, no Massachusetts, como em Hollywood, onde chega na idade adulta. Em diferentes momentos das suas vidas até *The Goddess*, realizador e actriz partilharam a referência da Broadway, em cujos palcos John Cromwell (1887-1979) se formou como actor e encenador de teatro, antes de desembarcar na Califórnia na passagem do mudo para o sonoro, em 1928, e nos quais Kim Stanley (1925-2001) se afirmou enquanto actriz familiarizada com o Método nova-iorquino do Actor's Studio, onde estudou com Lee Strasberg, Elia Kazan ou Vivian Nathan.

A experiência hollywoodiana de Cromwell sucedeu à vida na New York Repertory Company e na Broadway nos anos 1910. Corriam tempos pioneiros, e terá sido a reboque de uma digressão teatral de *The Racket* que chegou à Paramount para ser "realizador de diálogos", continuando o percurso de actor num pequeno papel de *The Dummy*, pré-anunciado como uma "Paramount's First All-Talkie Screen Comedy", com o também estreante Fredric March. Nesse mesmo ano de 1929, co-realizou dois filmes e, a solo, *The Mighty*, com George Bancroft no papel principal. Foi o princípio de uma longa história com os estúdios, embora nem sempre de uma bela amizade. Entre os seus títulos de especial relevo contam-se *Of Human Bondage* (1934), a adaptação do romance de Somerset Maugham celebrizada pela *revelação* de Bette Davis, a incursão *noir* de *Dead Reckoning* (1947) ou a adaptação ao cinema da peça que décadas antes o levava a Los Angeles, *The Rackett* (1951), cuja finalização envolveu realizadores (não creditados), como Tay Garnett e Nicholas Ray. A razão é simples, dura, vem do coração da Hollywood dos anos 1950 –

a “caça às bruxas” do “Comité das Actividades Anti-americanas” que o identificou como sujeito comunista e subversivo, acrescentando-o à “lista negra”, e por conseguinte, travando o seu trabalho nos estúdios. O nome foi “desclassificado” como *blacklisted* em 1958, o ano de *The Goddess*, que viria a ser o seu último grande trabalho no cinema e a sua última produção em Hollywood, descontando as participações tardias de actor em *3 Women* e *A Wedding* de Robert Altman (1977/78).

Curiosamente, trata de um ácido retrato de Hollywood, a história que segue a personagem de Kim Stanley como Emily Ann Faulkner, nome de estrela Rita Schawn, como uma mulher desgraçada pelo abandono na infância que vinga, na esfera pública do cinema, sobre o chão íntimo da mais profunda infelicidade. Há meandros de produção que inscrevem o trauma do cineasta ao ver amputada a intenção inicial do projecto, que iria porventura mais fundo na representação desapiedada da “dimensão dourada” casando-a com a decepção da “realidade *blacklisted*”. Seja como for, *The Goddess* é suficientemente adverso como *espelho*. Sem o fôlego, nem a agilidade, do drama pré-Código, mas um pouco na linha de *What Price Hollywood?* (George Cukor, 1932), o argumento de Paddy Chayefsky (um primeiro trabalho para cinema, distinguido com uma nomeação da Academia para melhor argumento original) concentra-se na protagonista feminina. Hollywood viu nela o reflexo de uma grande estrela verídica, para alguns Ava Gardner, para quase todos Marilyn Monroe, que por essa altura já encarnara a vizinha nova-iorquina no Verão de *The Seven Year Itch* (Billy Wilder, 1955), mas ainda não a cantora-bailarina viajante de *Some Like It Hot* (Billy Wilder, 1959). Os sinais habitam o filme, há a evidente ligação do Actor’s Studio que ambas as actrizes frequentaram. A inspiração, se não era contemporânea, seria retroactiva, por mais que possa defender-se que Kim Stanley veste melhor a pele da actriz do que a da estrela luminosa e meteórica da personagem cadente de *The Goddess*.

Na Broadway, onde a qualidade do seu trabalho era reconhecida, e foi premiada, Stanley protagonizara encenações de duas peças de William Inge, *Picnic* e *Bus Stop*, que no cinema viriam a ficar colados à imagem de Kim Novak e Marilyn. Nesses anos 1950 participava regularmente em filmes televisivos. No início da década seguinte faz a voz narradora de *To Kill a Mockingbird* (Robert Mulligan, 1962), protagoniza *Séance on a Wet Afternoon* (Bryan Forbes, 1964), uma produção britânica, e uns vinte anos depois participa no elenco de *Frances* (1982). O papel em *The Goddess* – o grande papel no cinema de Kim Stanley – foi elogiado logo na época como uma interpretação superlativa. É à volta dela que o filme gira em duas das três “partes-capítulos” que assentam a história de tragédia pessoal com ascensão em três períodos dramáticos. Como se fosse uma saga: “Retrato de uma Menina, Maryland 1930” (com a personagem em criança interpretada por Patty Duke); “Retrato de uma Mulher Jovem”, Hollywood, 1947; e “Retrato de uma Deusa”, composto num arco cronológico que vai de 1948 a 1952 e 1957, em Hollywood e Maryland.

Está lá “tudo”, a falha e o desamor, a atenção à personagem materna, a mimetização da situação mãe-filha-mãe e o desastre da réplica, a deslocação desse papel para o da secretária pessoal, a morte e a síncope, o grito, a histeria, o final o mais feliz possível, com a última filha do filme a ser conduzida rua a baixo pela mão silenciosa de um pai. E ainda a vida pobre e provinciana, violenta, a vida rica e até milionária, violenta, os barbitúricos e o torpor alcoólico, as máscaras, os filtros, os enganos, a superfície. No entanto, alguma coisa “falta”, um contraponto de sensações ou a quebra. Pode ser que seja feitio, pode ser que seja defeito, mas estes olhos contemporâneos não casam a imagem filmada de Kim Stanley nos planos de *The Goddess* com a da personagem de Emily/Rita – algures falta disponibilidade e sobretudo “matéria celeste”, sente-se mais o trabalho da actriz do que luz radiosa, talvez mais a interpretação da dor que a vulnerabilidade e a ferida.

Maria João Madeira